



A presença do judeu em *Contos Amazônicos*, de Inglês de Sousa

The Presence of Jew in *Contos Amazônicos*, by Inglês de Sousa

Deuziane de Vasconcelos Barbosa*

Resumo: Este artigo analisará a relação entre o personagem judeu e a lenda do boto, presente no conto “O baile do judeu”, inserido em *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa. A princípio, são trazidas informações sobre a vida e obra do autor, além de uma pesquisa da recepção especializada acerca de sua carreira literária. Em seguida, as atenções são voltadas para os elementos principais da análise, o judeu, que consiste na apresentação da história do povo semita desde sua origem, passando pelo período de migração para a Amazônia, até os dias de hoje, abordando o antissemitismo, costumes e o imaginário construído sobre esses imigrantes. Seguindo com uma breve abordagem sobre o imaginário amazônico voltado para a lenda do boto. Como última etapa deste trabalho, traz-se a análise do conto “O baile do judeu”, atentando para o imaginário amazônico, imaginário a cerca dos judeus e o antissemitismo presente na narrativa.

Palavras-chave: Inglês de Sousa. Antissemitismo. Lenda.

Abstract: The objective of this essay is to analyze the relationship between the character Jew and the legend of the dolphin, in this tale “The dance of the Jew”, inserted in the work *Contos Amazônicos* of author Inglês de Sousa. At first are brought information about your life and work, besides a search of specialized reception about his literary career. Then attention is focused on the main elements of the analysis, the Jew, which consists of the presentation of the history of the Jewish people from its origin, through the period of migration to the Amazon, to the present day, approach about anti-Semitism, custom and imaginary built about these immigrants. Next with a brief overview about Amazonian imaginary facing the legend of the dolphin. As the last stage of this work brings the analyze the tale “O baile do judeu”, to focus on Amazonian imaginary, imaginary about Jews and anti-Semitism present in the narrative.

Keywords: Inglês de Sousa. Anti-Semitism. Legend.

O folclore brasileiro é rico em manifestações orais e o imaginário popular mostra lendas e mitos com um teor de veracidade que chega a criar no



leitor/ouvinte certo encanto ou até mesmo pavor, dependendo do tipo de conto, caso ou narrativa exposta.

Na Amazônia nacional e internacional, essas manifestações folclóricas orais são mais frequentes, pois o dia a dia do homem dessa região é marcado por uma eterna teogonia repleta de mistérios, rios, florestas, assombrações, visagens e metamorfoses, por meio de histórias esse mundo é criado e recriado pelos caboclos.

Nesse universo, uma das lendas mais representativas do folclore é a lenda do boto, que conta a história de um peixe que se metamorfoseia em ser humano para seduzir as caboclas das margens dos rios. Essa lenda assume várias feições, dependendo da região, mas em todas elas a metamorfose acontece com um único objetivo, o de seduzir as mulheres para consumir uma relação devido à quebra de um interdito.

Diante deste manancial cultural, o presente artigo inicia-se com uma apresentação de Inglês de Sousa, escritor que criou e recriou a Amazônia em quatro romances realistas-naturalistas, e a sua última contribuição literária é um livro de contos intitulado *Contos amazônicos*, no qual o ficcionista incorpora a lenda do boto oral no conto “O baile do judeu”, destarte o escritor mostra os conceitos, preconceitos e crenças da sociedade Amazônica do século 19.

A seguir é dado destaque à origem do povo judeu e as sucessivas diásporas até sua chegada à Amazônia, apoiando-se em uma bibliografia especializada é possível mostrar a chegada dos judeus à região do baixo-amazonas e a sua vivência, também, são apresentados alguns conceitos fundamentais sobre a lenda do boto.

A parte final deste artigo, um convite ao exercício da análise literária, trará uma leitura do conto “O baile do judeu”, por meio de trechos textuais e fundamentação teórica, procura-se, assim, entender como se formou a concepção preconceituosa sobre o povo semita no imaginário da Amazônia, infelizmente, ainda presente em nossa sociedade.

1 Inglês de Sousa e a recepção especializada

Herculano Marcos Inglês de Sousa é um dos escritores de destaque na literatura brasileira, apesar de sua carreira literária ter sido curta, tem grande importância no cenário das letras do país. Para conhecermos um pouco da vida deste escritor, escolhemos a metodologia de dialogar alguns acontecimentos de sua biografia com a recepção dos críticos canonizados da literatura.



Inglês de Sousa nasceu na Cidade de Óbidos, Estado do Pará, em 28 de dezembro de 1853. No ano seguinte, sua família mudou-se para Manaus. Em 1861, Inglês de Sousa foi matriculado no Colégio Paraense em Belém, onde estudou até 1864 quando volta novamente para Manaus com sua família.

No ano de 1872, matricula-se no curso de Direito do Recife, porém só vai concluir seu curso jurídico na Faculdade de Direito de São Paulo. Ainda em Recife, no quarto ano de faculdade inicia sua produção literária com o romance *O cacaulista*, publicado no ano de 1876, em folhetins no jornal *Tribuna Liberal* em São Paulo, no qual era editor. No mesmo ano publicou *História de um pescador* e, em 1877, publicou o romance *O coronel sangrado*. Esses três romances constituem a trilogia intitulada *Cenas da vida do Amazonas*, publicada sob o pseudônimo de Luiz Dolzani.

Em *História da literatura brasileira: prosa de ficção* (1988), Lúcia Miguel Pereira afirma que Inglês de Sousa teria sido o iniciador da escola Naturalista no país com a novela *O coronel sangrado* (1877), publicada bem antes e melhor ajustado aos moldes do mais recente movimento. Ainda sobre as primeiras obras do autor obidense, Lúcia M. Pereira afirma:

E, toda via, além de não serem – salvo a *História de um Pescador* - inferiores ao *Missionário*, conferem à parte mais conhecida de sua obra um valor maior, revelando a unidade que o orientou. (PEREIRA, 1988, p. 157).

Massaud Moisés em *História da literatura brasileira* (1983) atribui a falta de reconhecimento na época da publicação, das primeiras obras, de Inglês de Sousa ao fato de ter ainda fortes marcas do Romantismo e o Realismo presente nelas ser apenas fruto da descrição fiel das cenas e não que haja a intenção de aplicar as teses de Taine e Zola.

Para Bella Josef, em *Inglês de Sousa: textos escolhidos* (1963), essas marcas românticas são por conta dessas obras terem sido escritas com material das lembranças do autor, o que lhe deu um tom melancólico. Acrescenta ainda que se houve regionalismo, foi para que chegasse à realidade, fugindo sempre da imaginação.

Nelson Werneck Sodré na obra *História da literatura brasileira* (1995) afirma que Inglês de Sousa já merecia atenção desde *O cacaulista* em 1876, e Lúcia Miguel Pereira (1988) destaca seu poder de criação, mesmo ainda em início de carreira “Muito jovem ainda, Inglês de Sousa atacou todavia problemas ainda não abordados, encontrou filões autênticos e inexplorados” (p. 161).



Recife pode ser considerado uma espécie de berço intelectual do célebre paraense, onde teve contato com leituras e discussões dos mais novos e variados temas da época, onde também escreveu suas primeiras obras. E do modo como escreveu essas obras, Josef conclui:

Inglês de Sousa move-se em seu tempo, observa e descreve a sociedade em cujo âmbito vive; [...]. Pretendeu dar um espelho fiel quanto possível do homem e do mundo que o rodeia. Neste sentido consideramo-lo precursor do romance nordestino contemporâneo: [...], corresponde à linha sociológica que configura o ciclo do Nordeste, assimilando sua temática na luta e relação do indivíduo e o meio, com as situações decorrentes. (JOSEF, 1963, p. 14).

Em 1891, publica, ainda sob o pseudônimo de Luiz Dolzani, *O missionário*, livro que lhe traria maior reconhecimento e o mérito de ser um dos iniciadores do Naturalismo no Brasil. Inglês de Sousa revelou, em entrevista a João do Rio, que de todas as suas obras, sua preferida é *O missionário*. Preferida dele e de muitos outros críticos que exaltavam a obra ou buscavam seus defeitos.

O missionário é considerado a melhor obra do Naturalismo brasileiro por José Veríssimo, apesar de achar o drama desproporcional ao cenário. Em um estudo publicado em *Estudos de Literatura Brasileira* comenta:

Não creio que o naturalismo tenha produzido no Brasil obra superior a esta; mas nela mesma, estou em que o reconhecerá o próprio autor, deixou os vícios inerentes dos preconceitos das escolas. Na explicação, por exemplo, dos motivos do Padre Antônio Moraes, há talvez demasiada minúcia, rebuscada análise, sobeja interpretação. Recorrer também o romancista a noções científicas para robustecer a sua análise psicológica da alma e dos móveis da ação do seu protagonista, o que se me afigura um erro. (VERÍSSIMO, 1903, p. 31).

Para Peregrino Júnior, em *A literatura no Brasil* (1969), o romance é enfadonho e sem muita expressividade, porém um documento exato da vida amazônica. Também Josué Montello usa os termos “grande” e “derramado” para definir o romance considerado mais importante da carreira de Inglês de Sousa.



Em 1892, transfere-se para o Rio de Janeiro e no ano seguinte publica, com seu nome de batismo, sua última obra de ficção, *Contos amazônicos*. Nessa obra, o autor reúne nove narrativas, ricas de detalhes da vida ribeirinha e de descrição da paisagem amazônica. “O voluntário”, “A feiticeira”, “Amor de Maria”, “Acauã”, “O donativo do Capitão Silvestre”, “O gado do valha-me Deus”, “O baile do judeu”, “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde” são os contos presentes nesse livro, que abordam diferentes temas como o engraçado, o fantástico e o político. E ainda assim, permeia a cultura amazônica em todas as narrativas: o antropológico, o imaginário, os aspectos linguísticos, sociológicos.

Sobre *Contos amazônicos*, Lúcia Miguel Pereira (1988) sustenta a ideia de que as anedotas e lendas que mostram o espírito popular, de superstições e temores do mistério, presentes nesta obra, são complementações de seus trabalhos anteriores. (p. 158). Massaud Moisés (1983) argumenta que a derradeira obra do obidense seria “um aproveitamento de material que não coube nas narrativas longas” (p. 59).

Além disso, Massaud Moisés faz uma relação dos contos de Inglês de Sousa com o romantismo de início de carreira, observado por ele:

As narrativas pertencem à fase inicial da carreira de Inglês de Sousa, quando ainda o Realismo se tingia de cores românticas, patentes na visão do caboclo, e não se tornara, graças ao intuito de Taine e Zola, intencional. [...] Sem ser um contista de mão cheia, Inglês de Sousa consegue equilíbrio na condução dos enredos e na descrição da Natureza, marcada agora por sinais de comedimento quase poético. (MOISÉS, 1983, p. 60).

Em comparação com *O missionário*, recorreremos mais uma vez às sábias palavras de Lúcia Miguel Pereira (1988) que afirma que os contos de Inglês de Sousa são escritos com muito mais liberdade, rapidez e vivacidade.

Oscar Dias Corrêa (2003), em uma conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, faz uma comparação dos *Contos amazônicos* com as obras publicadas anteriormente:

Os *Contos amazônicos*, de 1893, reeditam o estilo mais livre de *O cacaulista* e *O coronel sangrado*, sem a densidade de *O missionário*, [...]. Misturam fatos e abusões da região, não faltando os lances patrióticos [...]. O estilo toma, às vezes,



o tom irreverentemente delicioso de *O coronel sangrado*. (CORRÊA, 2003, p. 163).

Na crítica literária brasileira, a recepção da produção literária do escritor paraense tem sido positiva na maioria das publicações dos estudiosos de literatura. Nas últimas duas décadas do século 20, houve uma maior circulação das críticas e estudos sobre a literatura de Inglês de Sousa, entre os muitos motivos destacamos alguns: reedição das obras do autor, leitura sugerida de vestibulares, e não há dúvida alguma que alguns estudos acadêmicos significativos contribuíram para a circulação da fortuna literária do escritor, entre estes estudos merece destaque a dissertação de mestrado de Lauro Roberto do Carmo Figueira, "*Acauã: fantástico e realismo maravilhoso no naturalista Inglês de Sousa*", e "*Cenas da vida amazônica: ensaio sobre a narrativa de Inglês de Sousa*", de Marcus Vinnicius Cavalcante Leite; também o trabalho de Paulo Maués: *As narrativas orais populares da Amazônia paraense e o Contos amazônicos de Inglês de Sousa: a interface*.

Outra área em que Inglês de Sousa se destacou foi no campo jurídico, onde publica *Títulos ao portador no direito brasileiro*, o que assegura-lhe projeção nacional e o torna juriconsulto de fama e prestígio, sendo indicado para Diretor da Faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e Presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) de 1907 a 1910, qualidade na qual presidiu o Primeiro Congresso Jurídico Nacional.

Em 1916, representa o Brasil no Congresso Financeiro Pan-Americano em Buenos Aires, no qual é escolhido presidente da Comissão para unificação da legislação sobre letras de câmbio. Na política, teve grande destaque, foi governador da província de Sergipe, posteriormente nomeado governador do Espírito Santo, além de ter recebido duas indicações, para governar o Amazonas e outra para governar Pernambuco, porém, recusou ambas as indicações. Outro papel importante que Inglês de Sousa exerceu foi na fundação da Academia Brasileira de Letras tendo sido o principal redator dos seus estatutos.

Inglês de Sousa faleceu na capital da República e foi sepultado no Cemitério São João Batista no dia 7 de setembro de 1918 com um dos maiores cortejos já vistos na história, segundo registrou o jornal *O País* no dia seguinte.

2 O judeu na Amazônia: a terra prometida

Segundo a Bíblia, os judeus têm origem, quando Deus propõe a Abraão que abandone o seu povo e vá em busca da terra que lhe revelaria, a Terra



Prometida. Abraão passa sua liderança a seu filho Isaac, e este, mais tarde passaria para seu filho Jacó, que após lutar com um anjo de Deus tem seu nome mudado para Israel. Jacó (Israel) teve 12 filhos que deram origem as 12 tribos que formaram o povo judeu. Por volta de 1700 a.C. o povo judeu migra para o Egito onde foi escravizado durante 400 anos, Moisés é escolhido por Deus para comandar uma fuga de volta para a terra prometida.

Após o reinado de Salomão (932 a.C) as tribos dividiram-se em Reino de Israel e Judá, e em 721 a.C. o imperador da Babilônia invade o Reino de Israel e destrói o templo de Jerusalém, é quando começa a primeira diáspora judaica. Já no século 2, os Romanos provocam a segunda diáspora, destruindo a cidade de Jerusalém. A partir desse fato os judeus espalham-se por todo o mundo.

A Espanha, será um dos primeiros países da Península Ibérica a praticar massacres maciços e perseguições aos judeus. Em 1483, por insistência dos reis católicos Fernão de Aragão e Isabel de Castela, o Papa Sixtus IV aprova a criação de uma Inquisição Espanhola Independente com o objetivo de destruir o povo judeu. Posteriormente, em 30 de maio de 1492, os mesmos reis expulsam os judeus da Espanha.

Segundo Samuel Benchimol, em *Eretz Amazônia* – os judeus na Amazônia, nas cidades de Castela, Navarra e Aragão viviam cerca de 600.000 judeus, 200.000 foram mortos, queimados nas fogueiras da Inquisição, outros tiveram seus bens expropriados, forçados a conversão e a viverem nas judiarias. (BENCHIMOL, 2008, p. 19).

Aproximadamente oitenta mil judeus-espanhóis conseguiram fugir para Portugal, país este no qual os judeus viam alguma forma de salvação, mesmo ainda havendo perseguições. O rei de Portugal, D. João II aceita esses judeus fugidos da Espanha, mediante pagamento de uma taxa de oito cruzados por pessoa, referente à permanência de oito meses com a promessa de que os judeus seriam livres para sair do país ao término desse prazo, porém tal promessa não foi cumprida e muitos judeus foram vendidos como escravos e as crianças separadas de suas famílias.

Em 5 de dezembro de 1496, D. João II assina um decreto, por imposição de seus sogros Fernão de Aragão e Isabel de Castela, expulsando os judeus de Portugal, a menos que se convertessem ao Cristianismo. Mas, logo em seguida, volta atrás, temendo que com os judeus, também saísse do país todo o capital daquele povo, então decreta a proibição de saída do país para os judeus e a conversão forçada ao Cristianismo.



Primeiro, as perseguições e expulsão na Espanha, depois em Portugal foram forçados a mudar de credo e adotar outros hábitos culturais, tudo isso obrigou os judeus a procurar novas comunidades em outros países onde pudessem verdadeiramente ser judeus. Muitos fugiram para o Egito, Grécia, Holanda e Turquia, mas a maior migração foi para o Marrocos. Os judeus que ficaram em Portugal passaram a viver em uma área limitada, cercada por muros e portões vigiados por soldados e guardas reais. Lá viviam com suas famílias, educavam seus filhos e enterravam seus mortos.

Com a migração para o Marrocos, nada mudou para o povo judeu, continuaram a viver isolados nos *melahs* (guetos), sofrendo massacres e humilhações. Mesmo assim restabeleceram suas comunidades e continuaram a exercer sua religião e seus costumes. Os *Megorashim*, como foram denominados os judeus-espanhóis e portugueses, conseguiram prosperar no comércio, mesmo que modestamente. Porém não foram bem aceitos pelos judeus que estavam há mais tempo no Marrocos, denominados *Tochavim*, pois os recém-chegados assumiram a liderança dos guetos e cada vez mais progrediam, já os nativos não tinham oportunidades e também temiam os *megorachim* pela superioridade técnica que traziam na bagagem.

Trezentos anos se passaram de muito sofrimento nos *melahs* das cidades marroquinas de Tânger, Tetuan, Fez, Marrakesh, Salé, Arcila, Rabat, Larache, Ceuta e Melila, onde os judeus sefaraditas se instalaram desde o século 15. Apesar de muitos judeus terem prosperado no comércio, poucas eram as famílias que tinham uma boa condição econômica e social. Doenças e epidemias eram muito frequentes nas cidades marroquinas devido às precárias condições sanitárias. Ainda as contínuas perseguições que consistiam em apedrejamento de judeus, destruição de sinagogas, saques e conversões forçadas.

Diante desta realidade calamitosa e no embalo das aventuras marítimas, muitas famílias judias se aventuraram além-mar e o Novo Mundo passou a alimentar os sonhos do povo escolhido por Deus, mas sofrido pela vida toda.

Enquanto os relatos de viajantes sobre a Amazônia rodavam o mundo, judeus sonhavam com uma nova terra da promessa. Um dos primeiros fatores que incentivou uma nova diáspora foi a abertura dos Portos do Brasil em Janeiro de 1808 com a assinatura da Carta Régia que revogava as leis que proibiam o comércio e a navegação de estrangeiros no país, mais tarde, em junho de 1814, o príncipe Regente D. João, assina um decreto que abria definitivamente os portos de Portugal e do Brasil.



Em 1821, D. João VI acaba definitivamente com a Santa Inquisição e os Tribunais do Santo Ofício em todo o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Era o que faltava para que os judeus pudessem sair em busca de um país onde pudessem viver definitivamente livres:

Era a verdadeira carta de alforria para os judeus que viveram durante séculos na Ibéria, sob o peso desse Tribunal e das condenações nos Autos de fé. Havia, portanto, na América um país livre que poderia abrigá-los para a construção do seu novo lar. (BENCHIMOL, 2008, p. 62).

Em 1824, a Constituição Imperial reconhece a Igreja Católica como religião oficial, liberando, porém, a prática de cultos de outras religiões desde que fossem feitos de forma discreta, sem a construção de templos. Só em 1890, no amanhecer do século 20, é que seria declarada a plena liberdade de culto.

Todas essas mudanças favoreceram uma nova diáspora, o povo judeu mais uma vez saiu rumo a uma nova Terra Prometida, dessa vez a escolhida é a Amazônia. No início do século 19, no auge do ciclo das drogas do sertão, e quando finalmente é extinta a Inquisição no Brasil, vieram do norte de Marrocos jovens judeus que chegavam a Amazônia e eram recebidos em Belém por judeus que já haviam se estabelecido economicamente como Nahon, Serfatty, Israel e Roffé, depois seguiam para o interior, muitos como empregados, vendedores ambulantes, balconistas.

Henrique Veltman esclarece em *Os hebraicos da Amazônia*:

Em Belém, os judeus ligados a interesses ingleses e franceses, tais como Nahon, Serfatty, Israel e Roffé, já os aguardavam com alojamentos, roupas e apoio comunitário. Os meninos eram alojados numa hospedaria da travessa Santo Antonio e recebiam rápidas e singelas informações sobre como deviam se comportar nos sítios ao longo dos rios onde iriam viver nos próximos anos. (VELTMAN, 2013, p. 41).

Esses jovens que geralmente tinham acabado de sair da Escola Israelita Universal, no Marrocos, apressavam seus Bar-Mitzvá e despediam-se de seus familiares em busca da Terra da Promissão. Alguns casavam antes de partir e vinham já com suas famílias constituídas trazendo tudo o que tinham, ou deixavam suas esposas ou noivas no Marrocos com a promessa de voltar para



buscá-las, o que nem sempre acontecia. Outros mais pobres saíam de seus lares apenas com a roupa do corpo.

Os judeus que viviam no Marrocos estavam divididos em dois grupos, os *Toshavim*, judeus nativos da região, e os refugiados da Espanha e Portugal, os *Megorashim*, esses grupos nutriam uma grande rivalidade no comércio. Essa rivalidade os acompanhou até a Amazônia e se concretizou quando fundadas, em Belém, as primeiras sinagogas, uma em 1824, a Essel Abraham fundada por Abraham Acris e a Shaar Hashamaim, fundada em 1889 por Elias Israel. A primeira era frequentada pelos *Toshavim*, e a segunda frequentada pela elite religiosa, os *Megorashim*. Provavelmente essas sinagogas tenham funcionado em casas particulares, já que a essa altura, ainda não era permitido que fossem edificadas templos.

A partir de 1850, com auge da economia da borracha, começa uma nova fase de imigração judaica para a Amazônia. Agora a migração era de famílias, o que mostrava o desejo de permanecer na região. Mais uma vez, essas famílias eram apoiadas por aviadores judeus de boa situação econômica, graças ao ciclo da borracha.

Os judeus que chegavam ao Brasil quase sempre eram seringalistas e saíam em embarcações rumo a distantes seringais, levando mercadoria para trocar com borracha, copaíba, castanha e até couro de animais da região, dando origem ao comércio de regatões e quebrando o monopólio dos portugueses e nordestinos no comércio da Amazônia.

Quando constituíam família, esses novos imigrantes seguiam para várias cidades do interior e lá instalavam suas esposas e filhos e continuavam a regatear pelos rios da Amazônia, voltando apenas em celebrações religiosas como Yom Kipur (Dia do Perdão), Rosh Hashaná (Ano Novo) e outros.

A partir dessa nova fase de imigração, foram instaladas comunidades judaicas, cemitérios foram fundados por toda parte. Desse modo, o judaísmo inevitavelmente influenciou a cultura e a economia da região. Várias famílias se espalharam por toda a região oeste do Pará:

E assim o fizeram em dezenas de comunidades da hinterlândia: Gurupá, Cametá, Macapá, Breves, Baião, Itaituba, Boim, Aveiros, Santarém, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Juruti, Faro, Oriximiná, [...] e outros lugares, vilas, povoados, sítios, fazendas, seringais e castanhais da época dos pioneiros do povoamento e do



surgimento da fronteira econômica do interior que alimentavam as capitais dos Estados e enchiam de impostos as arcas do Tesouro Estadual, Federal e de libras e dólares o Balanço do Comércio e de Pagamentos do País. (BENCHIMOL, 2008, p. 91).

De todas essas cidades para onde os judeus se dirigiram, será tratado a seguir sobre as famílias judaicas da cidade de Óbidos, por ser a cidade natal de Inglês de Sousa, cenário da maioria de sua obra, onde ele buscou personagens e costumes para retratar a vida ribeirinha na Amazônia.

Em Óbidos, famílias judaicas como Chocron, Hamoy e Belicha fazem parte da história, cultura, economia e imaginário da sociedade. Ainda hoje, descendentes das famílias Chocron e Belicha mantêm empresas que foram e ainda são muito importantes para a economia da cidade, como a usina de beneficiamento e exportação de castanha-do-pará CAIBA (Companhia Agro Industrial do Baixo Amazonas) Indústria e Comércio S/A, fundada na década de 1940 e posteriormente adquirida por José Jaime Bittencourt Belicha, filho de Marcos Belicha, que veio de Tanger em 1904.

Atualmente, a única integrante da família Hamoy que reside em Óbidos é Mary Hamanie, filha de Yom Tob Hamoy e D. Rebeca (Ricca) Hamoy, ambos de Alexandria, no Egito. É importante registrar que após uma diminuição de habitantes judeus na cidade de Óbidos, a casa de D. Ricca Hamoy passou a servir de sinagoga:

Os judeus de Óbidos chegaram a ter uma sinagoga. Depois, à medida que a comunidade foi diminuindo, os serviços transferiram-se para a casa de dona Ricca Hamoy, e é assim até hoje. Na realidade, só celebram junto o Kipur. "A casa de dona Ricca é relativamente afastada", explica Fortunato. Assim, os goyim não entendem bem o que acontece por lá... (VELTMAN, 2013, p. 49).

As famílias Auday e Hassan também fazem parte da história dos judeus em Óbidos, primeiramente os Auday viveram em uma das casas da rua da *beira*,¹ posteriormente, essa família foi embora da cidade e anos depois foi morar na mesma casa a família do Sr. David Hassan, o qual de alguma forma continua em Óbidos, enterrado no cemitério judeu da cidade.

Certamente as famílias judaicas que viveram em Óbidos enfrentaram os mais diversos tipos de preconceitos. O fato das práticas religiosas serem feitas de



forma discreta, e em casas particulares, despertava a curiosidade dos não judeus sobre o que acontecia durante as celebrações, não tendo sua curiosidade satisfeita, as pessoas especulavam sobre o assunto, histórias como a de que os judeus cultuavam animais em seus rituais é um exemplo desse imaginário.

3 O imaginário amazônico: a lenda do boto

É do imaginário popular do homem amazônico a imagem misteriosa de um belo homem, loiro, de sedutores olhos azuis que chama atenção de todos do lugar, tal ser, nunca havia sido visto na comunidade, na festa ou em puxiruns,² assim como surge, também desaparece de forma misteriosa, é o boto transformado em homem, pronto para enfeitiçar as moças ribeirinhas.

O boto, protagonista de muitas histórias lendárias da Amazônia, é um mamífero da família dos cetáceos, proveniente de água doce. Na Bacia Amazônica, são encontradas duas espécies, o boto cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*) que chega a alcançar três metros de comprimento, e o boto tucuxi (*Sotalia fluviatilis*). Em alguns lugares acredita-se que apenas o boto cor-de-rosa se transforma em homem para encantar as mulheres e o boto tucuxi apenas rasga as redes dos pescadores para se alimentar dos peixes que lá estão presos, porém as narrativas orais adquirem identidades próprias das regiões onde são contadas e variam muito.

Segundo a lenda mais tradicional, durante gerações, o boto metamorfoseado aparece nas festas das comunidades ribeirinhas, escolhe a moça mais bonita do lugar, dança com ela durante toda a festa e depois a leva para a beira do rio, meses mais tarde a mesma moça aparece grávida.

Existem muitas variações dessa história, em algumas, o boto não espera as noites de festa para seduzir as caboclas, nem se transforma em humano para exercer seu poder de encantá-las, ele está sempre à beira dos rios esperando que as moças no período menstrual desçam os barrancos para tomar banho ou lavar roupa no rio.

Às vezes é o contrário, é o boto que sobe o barranco e vai ao encontro de sua vítima, quando está sozinha ou no silêncio da noite, transformado em homem, até mesmo na figura do marido da seduzida e após o feitiço e a relação sexual, a vítima do boto fica doente, de forma inexplicável, até levarem a encantada para um curandeiro quando então é descoberta e curada a enfermidade.

4 Uma leitura do conto “O baile do judeu”



Os judeus vieram para a Amazônia com a esperança de que, ali, poderiam viver livres das perseguições que sofreram em vários lugares do mundo. No entanto, Também lá as sofreram. A acusação feita de assassinato de Jesus Cristo, a lenda de que todo judeu bem-sucedido em seus negócios é avarento, explorador e cruel.

Em “O baile do judeu, o leitor pode perceber um sentimento antissemita na voz do narrador, inicialmente ao apresentar os preparativos para o baile, usando expressões que condenam o anfitrião. Era inconcebível que as pessoas atendessem ao convite do “homem que havia pregado as bentas mãos e os pés de Nosso Senhor Jesus Cristo em uma cruz” (SOUSA, 2005, p. 83), do “malvado judeu”, do “inimigo da igreja”. O judeu aparece como o sujeito que zomba da Igreja Católica, de certa forma ele desafia a mesma, oferecendo um baile em um “famoso dia” que provavelmente seria um dia santo para a Igreja Católica, e mostrando que mesmo sendo marginalizado, porém abastado, consegue fazer com que boa parte dos habitantes da vila atenda ao seu convite:

Muito se dançou naquela noite, e, falar a verdade, muito se bebeu também, porque em todos os intervalos da dança lá corriam pela sala os copos da tal cerveja Bass que fizera muita gente boa esquecer os seus deveres. O contentamento era geral, e alguns tolos chegavam mesmo a dizer que na vila nunca se vira um baile igual! (SOUSA, 2005, p. 84).

A avareza e astúcia no comércio são outros estereótipos atribuídos ao judeu e que revelam uma visão negativa da sociedade amazônica do século 19 para com estas pessoas, que infelizmente se perpetua até os nossos dias:

[...] a gente de pouco mais ou menos, apinhava-se em frente à casa do judeu, brilhante de luzes, graças aos lampiões de querosene, tirados da sua loja, que é bem sortida. De torcidas e óleo é que ele devia ter gasto suas patacas nessa noite, pois quanto aos lampiões, bem lavadinhos e esfregados com cinza, não de ter voltado para as prateleiras da bodega. (SOUSA, 2005, p. 84).

Até hoje ouvimos falar dos judeus donos de usinas e serrarias da região, que sempre davam um jeito de levar vantagem sob seus funcionários. No conto de Inglês de Sousa, o judeu tira de sua sortida loja, objetos para usar no baile e que no outro dia voltará para a prateleira da loja para ser vendido como um objeto novo. Um caso parecido é relatado no documentário *Eretz Amazônia* pelo



Senhor Fortunato Chocron, também judeu. O relato conta sobre um antepassado seu que sempre ia a festas com roupas e sapatos novos e este sempre usava sua lábria de bom comerciante, para vender os objetos usados como se fossem novos.

Além de os judeus serem bem-sucedidos financeiramente e isso despertar inveja e conseqüentemente especulações, os costumes dos judeus, suas celebrações religiosas, festas e hábitos alimentares, sempre geravam muita curiosidade. Ruth Athias em seu trabalho de conclusão de curso *Judeus em Alenquer* (2004), conta que sua avó materna costumava fazer o comentário de que seu pai não se alimentava de carne de porco por “não comer a carne do mano” (p. 33), se referindo ao apelido que os judeus receberam há muitos anos. Inúmeras são essas especulações e comentários maldosos sobre os judeus, e no conto temos o exemplo desse imaginário religioso acerca do indivíduo semita:

Lá estavam em plena judiaria, [...]; toda a gente grada, enfim, pretextando uma curiosidade desesperada de saber se de fato o judeu adorava uma cabeça de cavalo [...] (SOUSA, 2005, p. 83).

Outro aspecto que alimenta a imaginação dos *goyim* sobre os judeus é o ritual próprio de enterrar seus mortos, e o fato de os cemitérios judeus serem construídos separados dos cemitérios cristãos, um dos comentários feitos com o intuito de satisfazer uma curiosidade, é de que eles são enterrados de pé como forma de castigo por terem assassinado Jesus Cristo. Samuel Benchimol aborda sobre esse assunto:

Quando os judeus foram excluídos e segregados nos guetos e judearias, eles foram obrigados a ter os próprios cemitérios – dentro do próprio gueto se possível, pois o enterro de um correligionário judeu em um cemitério cristão constituía uma profanação e o tornava impuro para sempre. (BENCHIMOL, 2008, p. 225).

Em “O baile do judeu”, as pessoas cometeram uma grave falta contra os “mandamentos de sua Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana” indo ao evento oferecido por um judeu e era certo que viesse o castigo, como aconteceu com os músicos do baile:

[...] tendo o Chico Carapanã morrido afogado um ano depois do baile e o Pedro Rabequinha sofrido quatro meses de cadeia por uma descompostura que passou ao



capitão Coutinho a propósito de uma questão de terras. O Penaforte que se acautele! (SOUSA, 2005, p. 84).

A culpa dos músicos ainda é agravada por terem usado para animar a festa do “inimigo da igreja”, os instrumentos musicais que eram utilizados nas missas de domingo.

No presente texto, é feita uma associação da imagem do judeu com a lenda do boto, porém o boto que aparece no conto é diferente daquele rapaz encantador por sua beleza, presente nas narrativas orais dos ribeirinhos e no imaginário do homem nortista. Enquanto nas narrativas que estamos acostumados a ouvir, o boto homem tem características do europeu, de boa aparência, branco, alto, sempre bem alinhado em suas vestes brancas, de andar elegante e olhar sedutor, o homem que se revela “um grande boto” no baile é feio, baixo, desajeitado e mal vestido, mas com o mesmo poder de conseguir o objeto de seu desejo, assim como nas narrativas dos ribeirinhos. Será que o boto da narrativa é feio porque é um judeu?

O boto tradicional, que a maioria conhece, é semelhante a Eros, deus do amor, que era celebrado por sua extrema beleza, apresenta-se com uma força de grande sedução que atrai para si a contemplação de todos. (SANTOS, 2006, p. 95). Mesmo apresentando características contrárias, o boto do conto de Inglês de Sousa também consegue a atenção de todos do baile. Despertando admiração por seu atrevimento de tirar para dançar a moça mais bonita da noite, além da curiosidade todos, quem era e de onde vinha sujeito tão estranho.

– Ora, já viram que tipo? Já viram que gaiatice! É mesmo muito engraçado, pois não é? Mas quem será o diacho do homem? E esta de não tirar o chapéu? E parece ter medo de mostrar a cara... Isso é alguma troça do Manduca Alfaiate ou do Lulu Valente! Ora, não é, pois não se está vendo que é o imediato do vapor que chegou hoje! É um moço muito engraçado, apesar de português! Eu, outro dia, o vi fazer uma em Óbidos que foi de fazer rir as pedras! Aguenta, dona Mariquinhas, o seu par é um decidido! Toque para diante, seu Rabequinha, não deixe parar a música no melhor da história. (SOUSA, 2005, p. 86).

A aparição do boto é considerada por muitos como castigo pelo descumprimento de uma regra imposta por uma comunidade, o que não deixa



de ser no conto analisado, porém, mais que isso, seria uma tentativa de mostrar como a sociedade do século 19 via o imigrante judeu, assim como o faz de forma mais direta no início do conto.

Luís Heleno Montoril del Castillo em seu estudo *Entre o rio e a floresta, a alteridade acéfala*, esclarece:

Na sua epifania de rapaz branco, louro, de olhos azuis; com bengala na mão e chapéu na cabeça, está a leitura do caboclo sobre o Outro, do elemento civilizado europeu oriundo da cidade. A roupa branca de dândi citadino revela a expressão da sua modernidade. (HELENO, 2001, p. 70).

Nesse caso, boto e judeu seriam um só, o sujeito estranho que aparece é a representação do imigrante judeu do ponto de vista da comunidade local. Até a chegada do homem de aspecto feio e engraçado, não se pode perceber a presença do judeu na festa, a não ser na voz do narrador ao descrevê-lo, onde estaria então o judeu que não apareceu no baile mesmo sendo o dono da casa? Esse homem estranho faz questão de manter o mistério sobre sua identidade escondendo seu rosto com o chapéu e o casaco, será que estes gestos não são artifícios para que os curiosos não descubram que se trata do anfitrião do baile?

Em uma versão da lenda do boto presente no livro *A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica* de Candace Slater (2001), o boto é associado aos donos de seringais ricos e malvados, duas características que são atribuídas ao judeu no conto. não podemos esquecer que os judeus que chegaram à Amazônia no auge do ciclo da borracha exerciam a atividade de seringalistas, andavam até os mais distantes seringais para comprar borracha e outros produtos frutos do extrativismo:

Olhe, acho que o Boto
é como esses padrões antigos.
Que nos tempos passados
o seringal era todo uma beleza. [...]
Assim, acho que o Boto é desse jeito
– é muito rico
E também muito perverso.[...]
(SLATER, 2001, p. 286).

A presença do homem, que mais tarde se revelaria o boto, surpreende a todos, mas logo tudo se torna engraçado e todos querem ver mais. Não só D.



Mariquinhas, mas todos ficam em uma espécie de transe hipnótico, e não percebem que algo fora do comum estava acontecendo, nem o marido de D. Mariquinhas se importava com a situação, e os músicos “tocavam conforme a dança”, eram movidos pela vontade do boto.

Em certo momento da dança, D. Mariquinhas, já não acha aquela situação engraçada como no início, ela já está encantada e o boto começa completar sua missão. Até que Bento de Arruda tenta pedir que parem e o homem desconhecido deixa cair seu chapéu e todos enfim percebem o que acontecia.

A dança é um elemento sempre presente no processo de encantamento do boto, e na versão de Inglês de Sousa da lenda não é diferente, o boto usa a dança para envolver não só D. Mariquinhas, sua vítima, mas também as demais pessoas presentes no baile. Após muito tocar, os músicos resolvem tocar uma Varsoviana, uma dança que não é típica da região, segundo Maués:

A varsoviana é índice de fatos funestos. Segundo o Dicionário Grove de Música, trata-se de uma dança “originária da França, durante os anos de 1850: era uma versão elegante da mazurca, incorporando elementos da valsa” (CORRÊA, 2004, p. 113).

Diante dessa explicação, percebe-se mais um índice que aquele ser não é da região, pois a habilidade com a dança europeia não é uma constante entre os caboclos da Amazônia e só poderia ser bailada na época com maestria por alguém que conhecia os grandes salões europeus, mas estamos diante de um possível estrangeiro andarilho pelo mundo, isto é, o judeu anfitrião do baile que ora se apresenta aos convidados metamorfoseado em boto.

Ao final do conto, é importante atentar para a presença de um elemento religioso do catolicismo, o sinal da cruz feito por Bento de Arruda que espanta o monstro do lugar, porém levando consigo sua vítima. Mais uma vez é colocada em evidência a oposição entre Igreja Católica e o judeu representado pelo boto metamorfoseado.

O próprio Inglês de Sousa em seu romance *O coronel sangrado* nos revela de forma, que sim, boto e judeu são um só: “Também ninguém queria acreditar que o judeu de Vila-Bela era feiticeiro, e um belo dia tiraram-lhe o chapéu e viram que tinha a cabeça furada”. (SOUSA, 2003, p. 126).

Essa junção entre judeu e boto, no conto de Inglês de Sousa, e o fato de esta figura lendária das águas que aparece na festa do judeu ser destoante do boto



estereotipado comumente é mais uma forma de acrescentar aspectos negativos ao indivíduo semita, tão marginalizado na sociedade, do século 19, marginalização essa que atravessa os tempos até hoje, quando ouvimos histórias dos mais velhos, quando pedimos explicação de algo sobre os semitas, ou quando indagamos quem foram os judeus que aqui viveram.

Apesar de a Amazônia ser um lugar, onde os judeus esperavam poder viver melhor, podemos dizer que não foi exatamente isso o que aconteceu. É bem verdade que muitos conseguiram se estabelecer, prosperar na vida, depois de muito sofrimento e trabalho, mas sempre escutaram da sociedade por meio dos inúmeros preconceitos e estereótipos que não são bem vindos.

Considerações finais

Analisar o judeu da obra de Inglês de Sousa foi um dos objetivos deste trabalho, para isso foi necessário estudar a história do povo judeu, desde sua origem, passando pelas inúmeras diásporas que eles sofreram, até sua chegada à Amazônia. Esse estudo a cerca da história do povo judeu evidencia a força desse povo de superar grandes adversidades através dos tempos, preconceito, exclusão e até mesmo o extermínio. Vindo para Amazônia em busca de um lugar para prosperar e viver em paz, os imigrantes judeus se fizeram importantes para a construção cultural e econômica da região, mesmo ainda tendo sofrido grandes dificuldades e principalmente a hostilidade dos habitantes locais.

Quanto ao conto analisado, pode-se verificar que o autor procurou demonstrar em sua narrativa a visão que a sociedade do século 19 tinha sobre o imigrante judeu. As obras de Inglês de Sousa retratam a vida, a sociedade da Amazônia e em “O baile do judeu” não é diferente, ele usa um elemento tipicamente regional, que é a lenda do boto, para fazer uma relação com outra questão muito importante na história da região, que é a estada do povo judeu na Amazônia.

Inglês de Sousa usa a lenda do boto para atribuir e reforçar a ideia de negatividade ao estrangeiro semita, deixando clara a marca do antissemitismo no conto. Não podemos deixar de registrar que, por meio deste estudo, observamos que esse sentimento de rejeição permanece no inconsciente, e até mesmo nos discursos dos habitantes da região. O que não impediu que muitas famílias judaicas se estabelecessem no lugar onde seus antepassados sonharam com uma vida melhor, a Amazônia.



* **Deuziane de Vasconcelos Barbosa** é graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará.

Notas

¹ Beira é um termo amazônico para designar ruas ou casas localizadas as margens de um rio ou igarapé.

² Puxiruns é o mesmo que mutirão; na Amazônia, os comunitários se reúnem em torno de um trabalho particular para colaborar com o outro, seja na derrubada de uma floresta para fazer uma roça de farinha, lavagem de juta ou colheita de uma safra de leguminosos.

Referências

ATHIAS, Ruth. *Judeus em Alenquer*. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Pará, 2004.

BARRETO, Mauro V. *O Romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra de Inglês de Sousa*. São Paulo: Letras à margem, 2003.

BENCHIMOL, Samuel. Eretz Amazônia – os judeus na Amazônia. *Revista Manaus*: Editora Valer, 2008.

CORRÊA, Oscar Dias. *O ficcionista Inglês de Sousa*. Conferência Proferida na Academia Brasileira de Letras, a 29 de abril de 2003, durante o ciclo Fundadores da ABL.

CORRÊA, Paulo Maués. As narrativas orais populares da Amazônia paraense e o *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa: a interface. In: BRITO, Célia (Org.). *Cadernos de estudos linguísticos e literários*. Belém: UFPA, 2000. p. 7-13.

CORRÊA, Paulo Maués. *Inglês de Sousa em todas as letras*. Belém: Paka-tatu, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.



ERETZ Amazônia. Documentário. Direção: Alan Rodrigues. Assessoria de Wagner Lins. 2006. Disponível em: <www.youtube.com>.

FIGUEIRA, Lauro Roberto. A rapsódia de os *Contos Amazônicos*: da matriz oral à literatura erudita. *MOARA: Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPA*, Belém, n. 33, p. 105-130, jan.-jul. 2010.

FIGUEIRA, Lauro Roberto. *Acauã*: fantástico e realismo maravilhoso no naturalista Inglês de Sousa. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Belém, Universidade Federal do Pará, 1998.

HELENO, Luis Montoril. Entre o rio e a floresta, a alteridade acéfala. *MOARA: Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPA*. Belém, n. 16, 2001.

HOLANDA, Silvio. O estatuto da oralidade: da unicidade à multiplicidade. *MOARA: Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPA*, Belém, n. 05, p. 109-118, abr.-set. 1996.

JOZEF, Bella. *Inglês de Sousa*: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir. 1963. (Coleção Nossos Clássicos, 72.)

LEITE, Marcus Vinicius Cavalcante. *Cenas da vida amazônica*: ensaio sobre a narrativa de Inglês de Sousa. Belém: Unama. 2002.

LINS, Wagner. *A mão e a luva. Judeus marroquinos em Israel e na Amazônia: similaridades e diferenças na construção das identidades étnicas*. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Língua Hebraica, Cultura e Literatura Judaicas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica*: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

MARTINS, Matheus; TEIXEIRA, Marcos. *Cenas da vida do Amazonas: um estudo dos contos de Inglês de Sousa*. *Revista de Literatura*, Belo Horizonte: Associação Pré-UFMG, 2005.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. v. 3. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

MONTELLO, Josué. A ficção naturalista. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. v. 3. Realismo-Naturalismo-Parnasianismo. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.



PEREGRINO JÚNIOR, João. Ciclo nortista. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). *A literatura no Brasil*. v. 3. Realismo-Naturalismo-Parnasianismo. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PÓVOA, Carlos Alberto. Uma abordagem da ambivalência cultural do judeu no espaço do não judeu: a construção do lugar. *Espaço e Cultura*, Universidade do estado do Rio de Janeiro, n. 28, jul.-dez. 2008.

SALLES, Vicente. Introdução. In: _____. *História de um pescador: cenas da vida do Amazonas*. Belém: FCPTN; SECULT, 1990.

SANTOS, Zair Henrique. *Dalcídio Jurandir: uma leitura do imaginário popular na obra Três casas e um rio*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2006.

SIMÕES, Maria do Socorro, GOLDER, Chistophe (Org.). *Santarém conta...* Belém: CEJUP, 1995.

SIMÕES, Maria do Socorro. Metamorfose e sedução em narrativas orais da Amazônia paraense. In: _____. *Revisitando o Marajó: um arquipélago sob a ótica da ciência, educação, cultura e biodiversidade*. Belém: EDUFPA, 2005. p. 83-98.

SLATER, Candace. *A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica*. Trad. Astrid Figueiredo. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura (FUNARTE), 2001.

SODRÉ, Nelson W. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

SOUSA, Inglês de. *O cacaulista (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: UFPA, 1973. (Coleção Amazônica, Série Inglês de Sousa.)

SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SOUSA, Inglês de. *Histórias de um pescador. (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: FCPTN – SECULT, 1990. Série Lendo o Pará.

SOUSA, Inglês de. *O missionário*. São Paulo: Ática, 1992.



SOUSA, Inglês de. *O coronel sangrado (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: EDUFPA, 2003. (Coleção Amazônia).

VELTMAN, Henrique B. *Os hebraicos na Amazônia*. Disponível em: <<http://www.veltman.qn.com>>. Acesso em 20 fev. 2013.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: literatura medieval*. Trad. Jerusa Pires. São Paulo: Companhia das letras, 1993.